

O TRABALHO

Órgão da Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores - Seção Brasileira da 4ª Internacional

www.otrabalho.org.br

R\$ 4,00 (solidário R\$ 5,00)

nº 836 - de 20 de setembro a 4 de outubro 2018

HADDAD É LULA! LULA É HADDAD!

VOTE 13!

O POVO VOTARÁ CONTRA OS TRIBUNAIS E OS GENERAIS



Luiz Eduardo Greenhalgh lendo carta de Lula em frente à PF

Foto: Jornalistas Livres

“Eu sei que um dia a verdadeira Justiça será feita e será reconhecida minha inocência. E nesse dia eu estarei junto com o Haddad para fazer o governo do povo e da esperança. Nós todos estaremos lá, juntos, para fazer o Brasil feliz de novo.” (Lula, Curitiba, 11 de setembro)

Universidades

Urgente, Haddad presidente!
pág. 2

Diálogo e Ação Petista

O povo contra o golpe e os golpistas
pág. 5

Lula Livre

Cresce solidariedade internacional
pág. 9

Europa

A questão dos refugiados e “migrantes”
pág. 11

Universidade urgente, Haddad presidente!

Campanha anti-bolsonaro não basta, é preciso um governo que abra uma saída

A educação superior vem sendo destruída pelo governo Temer. No ensino pago as restrições do Prouni e o “novo Fies” retiram milhões das salas de

aula e os que permanecem têm de lidar com um número maior de disciplinas à distância. As universidades públicas são mantidas sob duro arrocho financeiro que gera demissões, paralisação de obras e redução das verbas de pesquisa. Desde o movimento nacional de ocupações em 2016 até uma série de lutas parciais como a greve da Universidade Fedetal do Mato Grosso esse ano, os estudantes já mostraram sua disposição para resistir aos ataques.

A UNE, que aprovou plataforma eleitoral no CONEG (Conselho de Entidades Gerais) de julho, decidiu não apoiar nenhum candidato no primeiro turno das eleições e, ao mesmo tempo, sua direção decidiu jogar seus recursos numa campanha contra Jair Bolsonaro.

Bolsonaro de fato representa uma ameaça aos direitos da juventude. Mas apenas combatê-lo é, na prática, dizer que qualquer outro candidato que assumir a Presidência da República é razoável no que tange aos interesses da juventude.

SERVE QUALQUER UM CONTRA BOLSONARO?

Um movimento “Mulheres unidas contra Bolsonaro”, que se iniciou com um grupo no Facebook, agora organiza atos em várias cidades. Dele participam eleitoras de todos os candidatos, “de direita ou esquerda”, “qualquer coisa para derrotar o Bolsonaro!”.

Não, não basta derrotar Bolsonaro. O lugar que o candidato do PSL hoje ocupa na eleição é resultado direto da política golpista, uma candidatura estimulada pela podridão das instituições, com as quais Alckmin, Ciro, Marina, Amoedo, etc. não querem romper. E por isso são candidatos em cujos governos seriam negados os direitos ao povo e às mulheres.

Para frear o recrudescimento da opressão das mulheres após o golpe e avançar na conquista de direitos, é preciso abrir uma saída política para o país - o que só um partido fortemente enraizado na classe trabalhadora e com um programa que se proponha a isso pode fazer. Só o 13 pode derrotar Bolsonaro e o golpe!



A primeira atividade de Haddad, como candidato à presidência foi com estudantes cotistas, prounistas e beneficiários das políticas educacionais dos governos do PT. Luiz Phelipe, da Federal de Minas e militante da Juventude Revolução do PT, em sua intervenção ressaltou a importância da volta dos investimentos na educação e sobretudo na assistência estudantil.

É voto 13!

Nesse momento se faz crucial engajar a juventude numa candidatura que se eleja para reverter todas as medidas do golpe como a entrega do Pré-sal, a EC 95, a reforma do ensino médio, medidas previstas no plano de governo do PT. E que a partir daí possa retomar o investimento real nas universidades públicas, assegurando a conclusão da expansão universitária, a sustentação da produção científica e as políticas de assistência estudantil.

Com Lula impedido de ser candida-

to, numa perseguição jurídica, agora Haddad é Lula! E PT segue de pé sendo o único partido que tem condições de responder aos anseios da juventude. Sobre tudo com o compromisso da convocação de uma Assembleia Constituinte para refundar as instituições e aí sim ter condições para executar um programa que priorize a educação e os demais serviços públicos, abrindo via para um futuro digno com condições adequadas para nossas universidades.

Hélio Barreto

“Ninguém tem o direito de pensar livremente”

Militarização das escolas, um ataque à educação pública

Desativação do grêmio estudantil, fechamento da rádio comunitária, destituição de diretores eleitos e cobranças de taxas é a realidade imposta em escolas públicas militarizadas.

De 2013 a 2018 cresceu de 39 para 122 em 14 estados o número de escolas estaduais geridas pela Polícia Militar - um aumento de 122% -, segundo a Revista Época. Outras 70 estão previstas para passar aos militares em 2019.

Ninguém nega a necessidade de resolver problemas da educação pública, mas a solução não é o patrulhamento militar, contraditório ao ambiente escolar numa democracia.

“Se não marchar direito, vai preso no quartel”

A disciplina nas escolas militarizadas, um dos argumentos dos seus defensores, é alcançada com hierarquia e métodos militares, incompatíveis com métodos de ensino numa aprendizagem democrática e de qualidade.

As salas de aula tornam-se “alas”, os corredores viram “pavilhões” e o colégio é chamado de “quartel” por oficiais da PM de Goiás ao se referir ao Colégio Estadual Waldemar Mundim. Lá, os estudantes passam por revistas

diárias, checando roupas, cabelos, unhas e posturas.

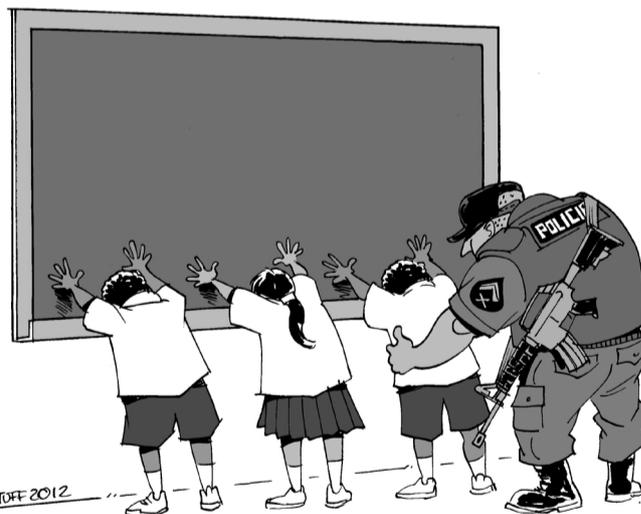
O Regimento do Centro de Comando de Ensino Militar impõe punições se usar boné e tiaras, se meninas não estiverem de “rabo de cavalo” e, se “provocar ou tomar parte, uniformizado ou estando no colégio, em manifestações de natureza política”. De fato, é um quartel, não uma escola!

Por isso, uma aluna do 3º ano afirmou “Aqui ninguém tem o direito de pensar livremente. Não podemos fazer nada que desagrade aos militares”.

Educação precisa de verba, não coturno!

Outro argumento para militarizar escolas públicas é que nos Colégios Militares, mantidos pelo Exército, há um melhor rendimento. Ora, lá se investe três vezes mais, tem piscinas, laboratórios, bons salários e, obviamente, a mais absoluta ordem da “disciplina do chicote militar”.

Além do que, não é função dos militares educar nossos jovens, sobretudo a PM, força policial herdada da



lutam por educação pública, laica e de qualidade.

“Lugar de militar é no quartel”!

A militarização das escolas ganha corpo na esteira de outras medidas de militarização da vida social como a intervenção no Rio de Janeiro.

Não por acaso, é idolatrada por governadores do golpe como Marcondes Pereira (PSDB Goiás), Sartori (PMDB RS) e, consta no programa de Bolsonaro (PSL) ampliar Colégios militares. É lamentável, no entanto

faz parte do cardápio de governos petistas como Rui Costa na Bahia.

Para Leonardo Rondon, do Conselho Nacional da Juventude Revolução do PT, “precisamos dizer Não à militarização das escolas, porque é dizer Sim à escolas com diversidade e democracia, acesso ao conhecimento crítico e na defesa dos instrumentos de luta, como os Grêmios, que buscam reivindicações e direitos. Lugar de militar é no quartel!”.

ditadura e responsável pelo genocídio da juventude negra.

Cabe ao Ministério da Educação, aliás, omisso sobre isto, junto com Secretarias de Educação, esta responsabilidade e, portanto, ampliar verbas públicas, garantir o Piso dos Professores, construir quadras, laboratórios e estrutura para melhorar ensino público. É o que defende a Confederação Nacional dos trabalhadores em Educação (CNTE/CUT), a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e setores democráticos que

P. Vilela

Sem arrego, chegou a hora de derrotar o golpe!

As duas semanas das eleições de 7 de outubro, a candidatura de Fernando Haddad do PT, como representante de Lula, emerge com força para passar ao 2o turno e impor a derrota aos golpistas.

A decisão de lançá-lo ao cargo, em prévio acerto com o PCdoB, com a deputada Manuela D'Ávila na vice, foi amadurecida na direção do PT, em discussão com Lula, para, em vista de perseguição judicial, e uma vez esgotados vários prazos de recurso, não ficar de fora destas eleições em que se pode derrotar o golpe.

Sim, porque em vários aspectos, o processo eleitoral já vinha sendo fraudado, desde antes, com Lula preso, impedido de dar entrevistas, de designar representante aos debates e até de se expressar livremente na propaganda eleitoral de rádio e TV.

Mas o tiro dos golpistas está saindo pela culatra!

Em poucos dias, começou a se realizar nas ruas - e se vê nas pesquisas - a transferência da preferência do favorito, Lula, para Haddad, graças ao engajamento decidido da militância do PT, principalmente.

Só se espanta com essa transferência quem, como os barões da mídia, não quis ver o desastre provocado pelo odiado governo

do golpe - o desemprego, a precarização, as privatizações e a degradação provocada pelos cortes -, política combatida junto com os sindicatos e movimentos, por Lula e o PT, que cresceram e se recuperaram neste processo.

O MERCADO CHANTAGEIA O PT PARA ARRANCAR CONCESSÕES

Generais sabem disso muito bem, e se articulam, extrapolando suas funções, para manietar o processo eleitoral, tentando tutelá-lo. O "mercado", o capital financeiro, também sabe, sobe o tom e chantageia o PT para arrancar-lhe concessões, de modo a confundir os eleitores.

Ambos, generais e capitalistas, se completam nas pressões para levar a candidatura do PT a uma despropositada "guinada ao centro". Algo que, enfim, lhes restituísse as horas de sono perdidas...

Mas a militância do PT não vai se deixar cegar pela xenofobia do candidato da extrema-direita, para cair na armadilha de abandonar a demarcação com todos os candidatos golpistas no 1o turno, reafirmando a anulação das medidas do seu governo comum, o

governo Temer, e buscar, pela democracia, refundar as instituições podres e atender as aspirações do povo.

É o melhor meio, agora, de calçar a ascensão e a vitória no 2o turno!

Muitos simpatizantes de Ciro Gomes quem, diferenças à parte, foi contra o impeachment, podem entender a importância de encorpar desde já a candidatura que melhor representa a derrota do golpe - Haddad do PT -, a única com inserção social e presença nacional para efetivamente derrotar os golpistas.

Os apoiadores de Boulos que, respeitadas as diferenças, em geral esteve ao lado de Lula na resistência à prisão, podem e devem entender que esta não é uma eleição com debate "normal", senão que desde o 1o turno se joga a democracia e os direitos contra os golpistas!

A militância do PT tem a tarefa de esgotar o 1o turno, percorrer os campos e as ruas dos bairros, junto com seus candidatos proporcionais, a senador e governador, para informar e explicar a todos que Haddad é Lula.

Que não vai ter arrego. Que chegou a hora de derrotar o golpe.

Que está se juntando a força antiimperialista de massas que dará sustentação ao governo do PT para convocar a Constituinte prevista no Plano de Governo de Lula.

CORTES DO GOLPE

O programa Minha Casa, Minha Vida já vinha sofrendo cortes desde o golpe de 2016, porém, o avanço da política de cortes de Temer praticamente desmonta a iniciativa para 2019. A proposta de orçamento enviada ao Congresso para o próximo ano prevê apenas R\$ 4,6 bilhões para esse que é o principal programa habitacional do país, menor valor desde 2009, ano em que foi criado. Entre 2009 e 2014, o Minha Casa, Minha Vida beneficiou 6,8 milhões de pessoas, sendo mais da metade (52%) com renda de até R\$ 1.600. Nestes anos o programa recebeu R\$ 217 bilhões, uma média de R\$ 43 bilhões ao ano. Hoje, a Faixa 1 do programa, que atende famílias com renda de até R\$ 1.800, está sem recursos e praticamente parada.

TERCEIRIZAÇÃO 1

Os ministros do Supremo Tribunal Federal referendaram a terceirização sem limites (também para as atividades-fim das empresas), que já havia sido aprovada no Congresso. Tal medida vai aumentar o subemprego e achatando a renda das famílias, esfriando ainda mais a economia, que já sofre com os cortes nos investimentos e o desemprego recorde de

quase 13 milhões de trabalhadores. O professor e sociólogo Ruy Braga (USP) afirmou em entrevista para o Sul21 que "está próximo o desaparecimento do chamado emprego protegido". Ele também afirma que a CUT estava correta ao lutar contra a aprovação e alertar os trabalhadores que o objetivo principal da ampliação da terceirização sempre foi reduzir salários, aumentar o número de horas trabalhadas e ignorar os riscos de acidentes e mortes dos terceirizados.

TERCEIRIZAÇÃO 2

Para Ruy Braga "o que você vai ter é a generalização da contratação de trabalhadores terceirizados, PJs, ou via cooperativas ou via empresas de intermediação de mão de obra, empresas de trabalho temporário". No lugar da proteção, a generalização de práticas que são vistas no setor de transporte de passageiros por aplicativo. "Vai ter o Uber do professor, do enfermeiro (...) Ou seja, um tipo de emprego precário mobilizado por plataforma digital. Essa é a tendência. Não se paga direito nenhum, não tem nenhum tipo de vínculo empregatício, ocorre ao sabor do ciclo econômico, ou seja, das flutuações de mercado", afirma.

Memória

VICENTINHO: SINDICATO CONTINUA, APESAR DA INTERVENÇÃO

O Trabalho entrevistou Vicente Paulo [Vicentinho], vice-presidente cassado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (...) - "É preciso entender que hoje em São Bernardo há uma realidade diferente em função da própria intervenção. No sindicato sob intervenção tudo se torna mais difícil. Porém, foi tomado das nossas mãos apenas o prédio, mas a direção (...) continua sendo a mesma diretoria cassada. (...) E continua o trabalho: porta de fábrica, reuniões da comissão de mobilização, o curso de formação sindical e o trabalho por uma campanha de finanças junto à categoria para que a gente mantenha o nosso Fundo de Greve, que hoje é o nosso sindicato, é a nossa máquina de sustentação da luta".

O Trabalho nº 217 - 22/9/1983



Quem somos

O jornal O TRABALHO é o órgão da Corrente O Trabalho do PT, seção brasileira da 4ª Internacional. Sua edição nº 0 foi lançada em 1º de maio de 1978, em plena ditadura militar. Um jornal a serviço da luta dos trabalhadores, no Brasil e no mundo, ele se mantém fiel desde então à luta pelo fim do capitalismo, pela emancipação dos trabalhadores que será obra dos próprios trabalhadores. Em toda sua história, manteve o compromisso assumido em 1º de maio de 1978: "um jornal independente dos patrões, de seus partidos e governo". É por isso que ele se sustenta, exclusivamente, pela venda junto aos trabalhadores e jovens, os nossos leitores. Ele é vendido de mão em mão ou por assinaturas e toda arrecadação é para manter o próprio jornal.

Site: www.otrabalho.org.br

Diagramação: Mariana Waechter

Facebook: www.facebook.com/jornalotrabalho

Situação inaceitável!

Candidato à reeleição no Ceará, Camilo (PT) faz campanha para Ciro



Profusão de materiais de uma campanha pró Ciro, nada de Lula-Haddad. Petistas cobram providências da direção.

No Ceará, o PT está coligado com o PDT no pleito estadual (governador e senador). Neste quadro, a campanha à reeleição do governador Camilo Santana se desgarrou da campanha do PT. Na verdade, se trata de uma crise anunciada, já que o governador pouco se empenhou na luta contra o golpe e contra a prisão de Lula. Com a abertura da campanha, ele acabou assumindo a postura de, pela aliança com o PDT, não incorporar a campanha presidencial do PT.

O próprio Encontro Estadual de Tática do PT-Ceará, estranhamente, teve que votar uma resolução que determinava que o governador apoiasse Lula ou qualquer outro candidato lançado pelo PT. Neste mesmo Encontro, Camilo afirmou aos delegados que estaria com Lula em qualquer hipótese;

Contudo, sua campanha não é Lula-Haddad! No comitê de campanha de Camilo está proibida qualquer referên-

cia a Lula-Haddad. Pior, numa atividade de campanha do PDT, Camilo pegou a mão de Ciro e afirmou, "tamo junto". Depois disso, tivemos uma profusão de materiais de campanha relacionando candidatos majoritários e proporcionais do PDT, incluindo Ciro Gomes, com imagens, símbolos e logo de Camilo. Por outro lado, nos materiais de campanha próprios de Camilo não há qualquer referência a Lula-Haddad, nem se usa os símbolos consagrados do PT (a estrela, por exemplo) e nem mesmo a sigla partidária. Apenas o 13 obviamente consta dos materiais.

Na própria visita de Haddad a Fortaleza, Camilo se retirou mais cedo do ato com o candidato para ir a uma inauguração do comitê de campanha de Cid Gomes (candidato a senador) e Ciro. Depois se sucederam várias atividades, carreatas entre outras, onde pontificou a dobrada Camilo - Ciro.

Para completar, numa entrevista a

uma emissora de TV local, Camilo denunciou um suposto preconceito do PT nacional para com sua candidatura. Segundo ele, os repasses financeiros para sua campanha seriam inferiores àqueles passados a outras candidaturas a governador. Obviamente, foi esse dado que a imprensa repercutiu.

Petistas reagem

Enquanto o candidato era Lula, o efeito nefasto da situação ficou atenuado, dado que o PT tinha 56% da preferência na eleição para presidente no Ceará. A necessidade de trocar o candidato por Fernando Haddad, contudo, a postura do governador, inaceitável, põe em risco a campanha presidencial do PT no estado.

Por iniciativa do Diálogo e Ação Petista, uma petição está sendo enviada à Executiva Estadual, com cópia à Nacional. O documento segue recolhendo apoios. No texto se pede que a direção partidária tome providências no sentido de que "o governador integre em sua campanha e em todos os materiais a campanha do PT para presidente", e que "o governador cesse imediatamente qualquer ato que indique seu apoio ao candidato do PDT".

Eudes Baima

Roberto Salomão

TRE-RJ tentou impedir candidatura de Quaqué

Judiciário avançou em mais um ato de perseguição política contra o PT

No dia 13 de setembro, o Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ) negou, por cinco votos a um, o registro da candidatura de Washington Quaqué (PT) a deputado federal. O pedido de impugnação foi perpetrado por uma coligação formada pelo Podemos, partido de Romário, senador e candidato ao governo do Estado.

Quaquá foi eleito prefeito de Maricá pelo PT em 2008, reeleito em 2012 e teve alta aprovação popular em seus mandatos. O argumento da desembargadora eleitoral Cristina Feijó foi o da "improbidade administrativa", por Quaqué ter aumentado os salários de funcionários da prefeitura. A decisão foi arbitrária e o tribunal proibiu Quaqué de fazer campanha eleitoral, mesmo havendo possibilidade de recursos em instâncias superiores.

Gleisi Hoffmann, presidente do PT, em nota sobre a decisão do TRE con-

tra Quaqué, escreveu: "Este episódio confirma que setores do judiciário brasileiro têm atuado fora da lei e contra as garantias constitucionais, tomando decisões políticas para prejudicar candidatos do povo e cassar o direito dos eleitores de votar livremente" e acrescentou: "o PT conclama as forças democráticas a denunciar e repudiar mais essa arbitrariedade, que nos remete aos tempos da ditadura".

No dia 16 de setembro, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) julgou o recurso de Quaqué e afirmou seu direito de ser candidato. Quaqué, em vídeo divulgado em redes sociais, comemorou a decisão: "Foi reparada a absurda injustiça pelo TRE do Rio de Janeiro."

Manifestamos nossa solidariedade a Quaqué neste episódio, que foi mais um ato de perseguição política do Judiciário contra o PT.

Francine Iegelski

Punida em prol do PR!

Direção do PT-MT exclui da TV candidata a deputada

No dia 13 de setembro a candidata Edna Sampaio foi excluída do horário eleitoral do PT. O seu programa defendendo Lula, Haddad e os trabalhadores foi retirado do ar porque ela se recusou a pedir voto para o candidato ao governo do estado, Wellington Fagundes (PR), apoiado pelo PT, numa decisão por maioria apertada da Executiva Estadual e referendada, também por maioria apertada, pela Executiva Nacional.

O senador Wellington Fagundes, não apenas votou a favor do impeachment como a favor de todas as políticas do governo golpista, além de na campanha não pedir voto para Lula e agora Haddad.

Mas, isso não incomoda essa parte da direção do PT-MT.

Campanha do PT sofre ataques

Provocações e ações de agentes públicos para intimidar petistas

Militantes e candidatos do PT estão sofrendo agressões em várias cidades do país. Em vários casos, elas são praticadas por agentes públicos.

Em Campos (RJ), um policial arrombou com um chute a sala de um centro acadêmico na Universidade Federal Fluminense, abriu o armário dos estudantes e confiscou adesivos. Não contente, deu voz de prisão a um professor que protestou contra o abuso. O policial "proibiu" (como se tivesse poder para isso) o uso de adesivos e disse que "o mandado sou eu". O senador Lindbergh Farias e a deputada Benedita da Silva protestaram publicamente.

Em Curitiba, no dia 7 de setembro, a candidata Edna Dantas e apoiadores foram agredidos pela polícia quando realizavam manifestação pela libertação de Lula. No dia 9 à noite, também em Curitiba, o candidato Renato Freitas fazia uma panfletagem quando foi agredido barbaramente pela guarda municipal, que o atingiu com duas balas de borracha.

A capital paranaense também foi palco do arremesso de um artefato explosivo contra o candidato a governador do PT, Doutor Rosinha. O diretório estadual do partido entrou com representação junto ao Tribunal Regional Eleitoral para apurar a responsabilidade nos três episódios.

Esses ataques mostram a inconformidade que o crescimento da campanha do PT provoca, inclusive junto às autoridades.

Robinson Cireia



O POVO CONTRA O GOLPE E OS GOLPISTAS

No momento em que Haddad, o candidato de Lula, cresce rapidamente na preferência popular, a menos de três semanas do primeiro turno, os três companheiros do Diálogo e Ação Petista integrantes do Diretório Nacional do PT (Misa Boito, Luiz Eduardo Greenhalgh e Markus Sokol) dirigem-se a todos os petistas: “Não podemos sair das ruas”.

São Paulo, 19 de setembro de 2018

Companheiras e companheiros do PT e do DAP,

Dirigimo-nos a vocês nesse momento da campanha eleitoral para compartilhar algumas preocupações.

Como sabemos, logo depois das eleições de 2014, a elite brasileira começou a colocar em prática a tática de cerco e aniquilamento do governo federal, do PT e do Lula.

De imediato, contestaram os resultados das urnas. Depois, passaram a insuflar manifestações de rua, batendo painéis contra nós, caluniando ou explorando carências. Acabaram por fazer o impeachment de Dilma. Deram o golpe para entronizar Temer e a sua camarilha.

Instalaram o caos. Apesar da resistência popular que nunca cessou, retiraram direitos trabalhistas; arrojaram os salários e demitiram

milhões; interromperam programas sociais; precarizaram a educação e a saúde; terceirizaram e privatizaram, facilitando a rapinagem internacional no território brasileiro.

E fizeram tudo isso com a ajuda diária da mídia conservadora (especialmente da Globo) e de setores reacionários do Poder Judiciário e do Ministério Público.

Tudo para atacar, reprimir e acabar com o PT.

Processaram, prenderam e condenaram nossos dirigentes, inclusive a nossa principal liderança: Lula.

Não deu certo. Mesmo preso. Mesmo sendo condenado sem provas. Mesmo sendo atropelados todos os prazos processuais para que a impugnação de sua candidatura se desse rapidamente. Mesmo passando por cima de duas decisões da ONU, impediram Lula de ser o nosso candidato. E ele teve que indicar o companheiro Fernando Haddad para substituí-lo.

E Fernando Haddad, em pouco mais de uma semana, já desponta como alternativa eleitoral vitoriosa, porque, ao representar Lula, que continua sendo o preferido do povo brasileiro, é beneficiário dessa transferência eleitoral.

Mas é bom não esquecer que, nessa corrida sôfrega pelo antipetismo, os golpistas acabaram por produzir uma candidatura que ameaça a própria democracia em nosso País e que, claramente, se inspira em ideias autoritárias.

E é nesse quadro que aumenta a nossa responsabilidade.

Por isso não podemos sair das ruas nessa reta final. Nossa aliança é com o povo brasileiro. Mas também devemos nos preparar para evitar provocações baratas que começam a ser feitas pelo desespero deles.

Por isso devemos intensificar a campanha. Reafirmar os nossos compromissos com a democracia, os direitos dos trabalhadores e os movi-

mentos populares e defender o nosso programa, o programa de Lula, para tirar o Brasil da crise: convocar uma Constituinte para revogar as medidas golpistas e para adotar reformas populares.

Essa eleição é mais do que nunca uma disputa entre a democracia e o autoritarismo. A civilização e a barbárie. O Povo contra o golpe e os golpistas.

Essas são as tarefas principais dos petistas, especialmente dos integrantes do DAP, que desempenham papel preponderante na defesa do PT e de Lula.

Sem ódio e sem medo. Não há derrotas definitivas para os povos. Até a vitória!

**Misa Boito,
Luiz Eduardo Greenhalgh
e Markus Sokol,
membros do Diretório
Nacional do PT**

NO RECIFE, DAP DEBATE E VAI ÀS RUAS

No último dia 5, cerca de 30 militantes e simpatizantes do PT reuniram-se na sede do PT estadual, para discutir a Declaração do Encontro Nacional Extraordinário, realizado em São Paulo no dia 1º de setembro.

Após as falas de prestação de contas dos quatro delegados de Pernambuco que estiveram no Encontro Nacional e da saudação de Flávia Helen, candidata a deputada federal, foi distribuída e lida a Declaração. Na sequência, um rico debate foi travado pelos presentes, centrado na tarefa imediata, através dos grupos de base do DAP-PE, dos Comitês e das cinco candidaturas apoiadas pelo DAP-PE, de mobilizar para as atividades de

rua com o objetivo de dialogar com os trabalhadores e a população em geral, levando a proposta de Lula Presidente com Constituinte.

Ao final, decidiu-se também pela participação no Ato do Grito dos Excluídos, no 7 de setembro, tendo o DAP participado com coluna própria, duas faixas (“Eleição sem Lula é Fraude”, “Lula Presidente, com Constituinte”), pirulitos e um megafone, com os seus integrantes puxando palavras



5 de setembro, reunião de volta do Encontro Nacional do DAP, em Recife

de ordem como “Brasil Urgente, Lula Presidente!” e “Olê, Olê, Olá! Lula, Lula!”, repetidas pelos demais participantes da caminhada, durante todo o trajeto, pelas ruas centrais da capital pernambucana.

REÚNE-SE A COORDENAÇÃO DO ACIT

Nos dias 7 e 8 de setembro, reuniu-se na sede do Partido Operário Independente (POI) em Paris a coordenação do Acordo Internacional dos Trabalhadores e Povos (AcIT), com a presença do companheiro Júlio Turra, da coordenação nacional do DAP.

O DAP é membro do AcIT desde 2008, ao lado de militantes e organizações de mais de 60 países que conformam um quadro amplo de discussão democrática e ação internacionalista prática em defesa dos interesses dos trabalhadores e povos oprimidos.

Nesta última reunião, a coordenação decidiu convocar para o primeiro trimestre de 2019, em Argel (capital da Argélia, país da África do Norte) a segunda reunião do Comitê Internacional de Ligação e Intercâmbio (CILI) proposto pela 9ª Conferência Mundial Aberta contra a Guerra e a Exploração, realizada em dezembro de 2017.

A reunião também registrou o desenvolvimento das campanhas que o AcIT vem impulsionando, dentre elas a campanha por “Lula Livre”, que é levada em todos os continentes.

Uma circular com os resultados da reunião será enviada a todos os aderentes do AcIT no Brasil.



Depois do Encontro Nacional do DAP, em 1º de setembro, os grupos de base se reúnem para debater e organizar a participação na campanha, como em Lages/SC e Santos Dumont-MG

“O povo nos abraçou nas ruas”

Impedido injustamente de ser candidato, Lula apresenta Haddad candidato a presidente

No dia 11 de setembro em frente à sede da Polícia Federal, o companheiro Luis Eduardo Greenhalgh leu a carta de Lula, apresentando Haddad como seu candidato. Neste dia vence o prazo dado pelo Tribunal Superior Eleitoral para substituir o nome de Lula na cabeça de chapa. Publicamos abaixo trechos da carta. Os intertítulos são de responsabilidade da redação de O Trabalho.

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês já devem saber que os tribunais proibiram minha candidatura a presidente da República. Na verdade, proibiram o povo brasileiro de votar livremente para mudar a triste realidade do país.

Nunca aceitei a injustiça nem vou aceitar. Há mais de 40 anos ando junto com o povo, defendendo a igualdade e a transformação do Brasil num país melhor e mais justo. E foi andando pelo nosso país que vi de perto o sofrimento queimando na alma e a esperança brilhando de novo nos olhos da nossa gente. Vi a indignação com as coisas muito erradas que estão acontecendo e a vontade de melhorar de vida outra vez.

Foi para corrigir tantos erros e renovar a esperança no futuro que decidi ser candidato a presidente. E apesar das mentiras e da perseguição, o povo nos abraçou nas ruas e nos levou à liderança disparada em todas as pesquisas.

“Minha condenação é uma farsa judicial”

Há mais de cinco meses estou preso injustamente. Não cometi nenhum crime e fui condenado pela imprensa muito antes de ser julgado. Continuo desafiando os procuradores da Lava Jato, o juiz Sérgio Moro e o TRF-4 a apresentarem uma única prova contra mim, pois não se pode condenar ninguém por crimes que não praticou, por dinheiro que não desviou, por atos indeterminados.

Minha condenação é uma farsa judicial, uma vingança política, sempre usando medidas de exceção contra mim. Eles não querem prender e interditar apenas o cidadão Luiz Inácio Lula da Silva. Querem prender e interditar o projeto de Brasil que a maioria aprovou em quatro eleições consecutivas, e que só foi interrompido por um golpe contra uma presidenta legitimamente eleita, que não cometeu crime de responsabilidade, jogando o país no caos.

Vocês me conhecem e sabem que eu jamais desistiria de lutar. Perdi minha companheira Marisa, amargurada com tudo o que aconteceu a nossa família, mas não desisti, até em

homenagem a sua memória. Enfrentei as acusações com base na lei e no direito. Denunciei as mentiras e os abusos de autoridade em todos os tribunais, inclusive no Comitê de Direitos Humanos da ONU, que reconheceu meu direito de ser candidato.

A comunidade jurídica, dentro e fora do país, indignou-se com as aberrações cometidas por Sergio Moro e pelo Tribunal de Porto Alegre. Lideranças de todo o mundo denunciaram o atentado à democracia em que meu processo se transformou. A imprensa internacional mostrou ao mundo o que a Globo tentou esconder.

E mesmo assim os tribunais brasileiros me negaram o direito que é garantido pela Constituição a qualquer cidadão, desde que não se chame Luiz Inácio Lula da Silva. Negaram a decisão da ONU, desrespeitando do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos que o Brasil assinou soberanamente.

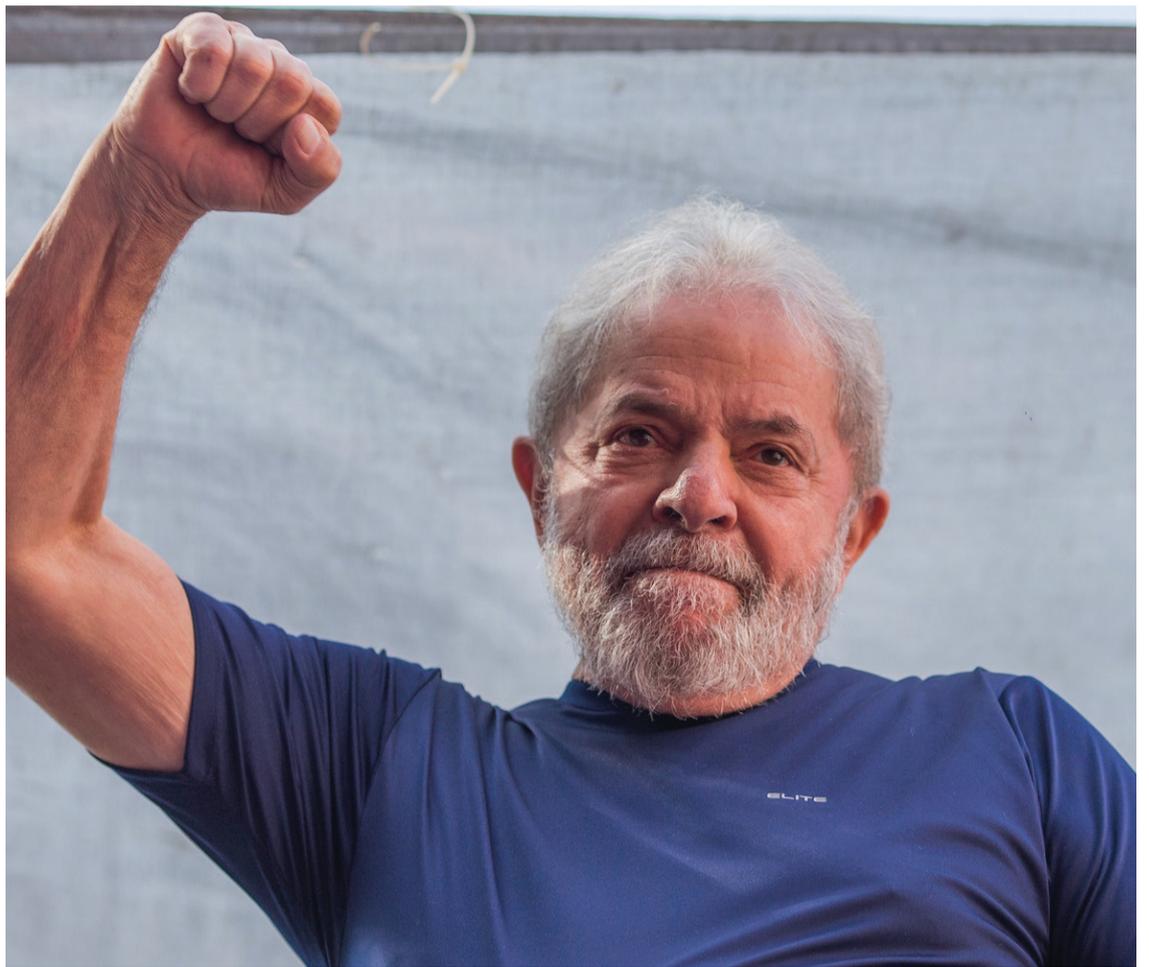
“Cassaram o direito do povo de votar livremente”

Por ação, omissão e protelação, o Judiciário brasileiro privou o país de um processo eleitoral com a presença de todas as forças políticas. Cassaram o direito do povo de votar livremente. Agora querem me proibir de falar ao povo e até de aparecer na televisão. Me censuram, como na época da ditadura.

Talvez nada disso tivesse acontecido se eu não liderasse todas as pesquisas de intenção de votos. Talvez eu não estivesse preso se aceitasse abrir mão da minha candidatura. Mas eu jamais trocava a minha dignidade pela minha liberdade, pelo compromisso que tenho com o povo brasileiro.

Fui incluído artificialmente na Lei da Ficha Limpa para ser arbitrariamente arrancado da disputa eleitoral, mas não deixarei que façam disto pretexto para aprisionar o futuro do Brasil.

É diante dessas circunstâncias que tenho de tomar uma decisão, no prazo que foi imposto de forma arbitrária. Estou indicando ao PT e à Coligação “O Povo Feliz de Novo” a substituição da minha candidatura pela do companheiro Fernando Haddad, que até este momento desempenhou com extrema lealdade a posição de candidato a vice-presidente.



Fernando Haddad, ministro da Educação em meu governo, foi responsável por uma das mais importantes transformações em nosso país (...).

Haddad é o coordenador do nosso Plano de Governo para tirar o país da crise, recebendo contribuições de milhares de pessoas e discutindo cada ponto comigo. Ele será meu representante nessa batalha para retomarmos o rumo do desenvolvimento e da justiça social.

Se querem calar nossa voz e derrotar nosso projeto para o País, estão muito enganados. Nós continuamos vivos, no coração e na memória do povo. E o nosso nome agora é Haddad (...).

A nossa lealdade, minha, do Haddad e da Manuela, é com o povo em primeiro lugar. É com os sonhos de quem quer viver outra vez num país em que todos tenham comida na mesa, em que haja emprego, salário digno e proteção da lei para quem trabalha; em que as crianças tenham escola e os jovens tenham futuro; em que as famílias possam comprar o carro, a casa e continuar sonhando e realizando cada vez mais. Um país em que todos tenham oportunidades e ninguém tenha privilégios.

“Estarei com Haddad para fazer o governo do povo”

Eu sei que um dia a verdadeira Justiça será feita e será reconhecida minha inocência. E nesse dia eu estarei junto com o Haddad para fazer o governo do povo e da esperança. Nós todos estaremos lá, juntos, para fazer

o Brasil feliz de novo.

Quero agradecer a solidariedade dos que me enviam mensagens e cartas, fazem orações e atos públicos pela minha liberdade, que protestam no mundo inteiro contra a perseguição e pela democracia, e especialmente aos que me acompanham diariamente na vigília em frente ao lugar onde estou.

Um homem pode ser injustamente preso, mas as suas ideias, não. Nenhum opressor pode ser maior que o povo. Por isso, nossas ideias vão chegar a todo mundo pela voz do povo, mais alta e mais forte que as mentiras da Globo.

Por isso, quero pedir, de coração, a todos que votariam em mim, que votem no companheiro Fernando Haddad para Presidente da República. E peço que votem nos nossos candidatos a governador, deputado e senador para construirmos um país mais democrático, com soberania, sem a privatização das empresas públicas, com mais justiça social, mais educação, cultura, ciência e tecnologia, com mais segurança, moradia e saúde, com mais emprego, salário digno e reforma agrária.

Nós já somos milhões de Lulas e, de hoje em diante, Fernando Haddad será Lula para milhões de brasileiros.

Até breve, meus amigos e minhas amigas. Até a vitória!

Um abraço do companheiro de sempre,

Luiz Inácio Lula da Silva

Lula é Haddad, com Constituinte!

“A única chance do país sair da crise é o plano Lula de governo que nós vamos implementar”

Em uma das primeiras atividades de rua, já como candidato a presidente, Haddad afirmou em Osasco (SP), no dia 13 de setembro, o compromisso com o plano Lula de governo. Plano que propõe, como medida necessária para romper com o desastre nacional orquestrado pelas atuais instituições, a convocação de uma Constituinte para revogar as medidas golpistas e avançar reformas populares. É por aí que a campanha deve prosseguir.

A acelerada subida de Haddad nas pesquisas, com apenas uma semana de campanha, mostra a força do voto Lula e do PT que vem da esperança do povo trabalhador de acabar com o sofrimento imposto pelo golpe.

Os generais se inquietam, os tribunais seguem na perseguição, e o mercado começa a fazer sua chantagem, um verdadeiro “terrorismo” como bem disse Haddad, especulando com o dólar.

“Foi o mercado que jogou o país no caos”

O mercado vai chantagear, vai tentar seduzir, vai pressionar. O capital financeiro vai fazer de tudo para neutralizar a possibilidade de que um governo do PT atenda às aspirações populares e mais, avance as medidas que o governo golpista não foi capaz de entregar, como a contrarreforma da Previdência da qual o mercado não desiste, bem pelo contrário, é

uma de suas principais exigências ao próximo governo. Sobre isso não há o que tergiversar!

Em entrevista ao jornal Valor Econômico, sobre a Previdência Haddad declarou que “não tem que ter tabu”, referindo-se a “todas as variáveis, idade mínima, alíquota de contribuição”. Mas, a maioria do povo trabalhador não quer saber de reforma da Previdência, ou seja, perda de direitos! Por isso em 28 de abril de 2017, na grande greve geral, derrotou a contrarreforma de Temer. E é daí, da maioria trabalhadora que pode vir a vitória do PT.

O mercado vai chantagear, tentar seduzir, mas como bem disse a presidente do PT, Gleisi, “o mercado já

nos conhece. Não precisamos fazer essa interação. Não são a nossa prioridade. E foi o mercado, afinal, que jogou o país no caos em que nós estamos”. (FSP)

Nos próximos 17 dias, até 7 de outubro, é campanha na rua, dialogando com o povo trabalhador e suas reivindicações, reafirmando o plano Lula de governo, para abrir uma saída para o Brasil. O povo já não aguenta mais sofrimento e, como disse Lula em julho, “ninguém aguenta mais a sujeira da política. Virou uma política apodrecida! E a solução para isso, no meu governo, vai ser convocar uma Assembleia Constituinte”.

Misa Boito

Em campanha, ao lado do povo!

Atividades com Haddad confirmam o que as pesquisas registram

Na primeira semana de campanha como candidato à presidência, Haddad fez várias atividades de rua, caminhadas, atos, em diversas cidades. O ânimo da militância mostra que ela respondeu ao chamado de Lula e está disposta a levar a campanha até a vitória.

“O país é nosso”

No dia 15 de setembro mais de seis mil pessoas em Vitória da Conquista e mais de quatro mil em Jequié, cidades do centro-sul da Bahia, tomaram as ruas para participar da caminhada com Haddad, Manuela e o governador Rui Costa. O grupo de base do Diálogo e Ação Petista em Conquista e militantes da Juventude Revolução do PT levantaram seus cartazes “Lula Livre” e “Haddad é Lula para fazer Constituinte.” Ao final da caminhada Rui Costa afirmou: “eles prenderam o Lula, mas se esqueceram que o povo está livre para votar. E o povo livre vai querer o Brasil feliz de novo”. Haddad foi



Rio de Janeiro

5 horas, com falas de militantes e outros candidatos e apoiadores do partido. O Diálogo e Ação Petista, presente (foto), também levou uma faixa contra a intervenção militar.

Representante do presidente Lula

Em Florianópolis (SC) no dia 18 de setembro, em frente à Catedral na praça XV, cerca de oito mil pessoas estiveram presentes para o ato da candidatura do PT à presidência da República.

O clima de alegria e entusiasmo da militância presente, demonstra aquilo que as pesquisas no estado



Florianópolis

muito aplaudido quando disse: “vamos parar de entregar as riquezas para os gringos e tomar de volta o que é nosso. No dia 7 de outubro o povo vai dizer em bom som: o golpe acabou, o país é nosso!”. Faltando poucas semanas para as eleições, na Bahia já se decidiu: eleger Haddad, libertar Lula e revogar as medidas do golpe.

Praça cheia, apesar da chuva

Em 12 de setembro, Haddad fez comício na Cinelândia ao lado de Marcia Tiburi (candidata do PT ao governo do RJ) e Lindbergh (candidato ao Senado). Apesar da forte chuva, que não parou, a praça estava cheia e o ato durou



Vitória da Conquista

vêm apontando, uma guinada do eleitorado em direção ao voto PT.

Haddad reafirmou sua candidatura como representante do Presidente do Lula e a defesa de sua liberdade. A Juventude Revolução do PT (foto) estava lá e deu seu recado!

Correspondentes

Vai dar PT!

“Dobrar o trabalho até 7 de outubro”

Todas as pesquisas, apesar de números diferentes, publicadas depois de 11 de setembro, quando Haddad assumiu a candidatura à presidência por decisão de Lula, mostram a mesma tendência. Os 40% de intenção de voto em Lula – registrados antes de ser retirado das pesquisas depois de injusta impugnação começam a ser transferidos para Haddad.

Na pesquisa Ibope, por exemplo, ele sobe, numa tacada só, 11%. Lula escreveu: “O Ibope de ontem mostrou que os esforços da Rede Globo

já não são suficientes para conter a vontade do povo. Na medida em que Haddad vai andando pelo Brasil, as pesquisas vão refletindo a memória viva do povo brasileiro do que foram nossos governos. Por isso, companheiros (as) precisamos dobrar os nossos trabalhos até o dia 7 de outubro. A justiça do povo será feita nas urnas”.

Haddad sobe e o PT se reafirma como o partido, de longe, o mais preferido, por 29%. Os próximos colocados registram 5%. Vai dar PT, vai dar Lula/Haddad!

Ocupação no porto do Pecém no Ceará

Funcionários ocupam a administração exigindo negociações

A administração do Complexo Industrial Porto do Pecém S/A (CIPP S/A), antiga Ceará Portos, empresa pública de capital misto que gerencia os portos no estado, foi ocupada por seus funcionários em 13 de setembro. Foi um protesto liderado pelo Mova-se/Sindicato, entidade representativa dos servidores públicos estaduais.

Segundo Auxiliadora Alencar, da diretoria do Mova-se, “a categoria vem tentando negociar de todas as formas o fechamento do acordo coletivo de 2018, mas a diretoria da empresa se nega a sentar à mesa para discutir as propostas”.

Note-se que o controle acionário da empresa é do governo do Estado, encabeçado por Camilo Santana (PT), candidato à reeleição, o que torna inaceitável a intransigência no trato com os trabalhadores.

Foi numa das tentativas frustradas

de negociação que os trabalhadores decidiram ocupar a administração da CIPP S/A. Na ocasião, a direção sindical foi impedida de entrar nas dependências da Companhia e, ao tentar falar com os sindicalizados, foi barrada por seguranças. Com o apoio do MST, conseguiu chegar à recepção do CIPP.

Governo estadual tem que participar!

A categoria reivindicava 9% de reajuste salarial, tendo aceito a proposta da empresa de 2,44%. Porém, a condição imposta foi que tal reajuste estará submetido às novas diretrizes da contrarreforma trabalhista do desgoverno Temer (prevalência do



Trabalhadores na ocupação do Pecém

negociado sob o legislado), o que é inaceitável.

Para o Mova-se, a empresa pretende submeter os trabalhadores à nova lei trabalhista, ameaçando a retirada de conquistas e direitos adquiridos e colocando em suspensão o processo de negociação que começou no final de 2017.

A ausência de representação do

governo estadual nas negociações revela problemas políticos graves. São 60 empregados públicos (concursados sob o regime celetista) vinculados ao governo e milhares de trabalhadores terceirizados com diferentes representações sindicais. O Mova-se busca defender o conjunto

dos trabalhadores e combate a ameaça de privatização do CIPP.

O sindicato insiste na retomada das negociações, sem retirada de direitos conquistados, exigindo a presença do governo estadual nas mesmas. Enquanto isso a mobilização prossegue e novas paralisações não estão descartadas.

Leda Vasconcelos

Segue o processo de privatização da Eletrobrás

Trazendo demissões, terceirização, aumento de tarifa e ameaças de corte de energia

Depois de ter privatizado mais três distribuidoras de energia elétrica no mês de agosto – a Cepisa do Piauí já tinha sido entregue à Equatorial em julho – e anunciar a privatização da Amazonas Distribuidora de Energia em 26 de setembro (ver OT 835), o presidente da Eletrobrás, Wilson Ferreira, anunciou em 10 de setembro um plano de demissão de mais 2,4 mil eletricitários.

Planos anteriores já desligaram três mil trabalhadores da Eletrobrás. “Sabemos que não vai ter reposição, quem vai embora são os funcionários com mais experiência, responsabilidade e tempo de casa”, disse

Igor Henrique, dirigente do Sinergia Campinas e trabalhador de Furnas.

Enquanto as empresas de distribuição do Sistema Eletrobrás têm, em média, 44% de trabalhadores terceirizados, nas empresas privadas, que atuam no setor, esse percentual salta para cerca de 80%, segundo dados da subseção do Dieese da Federação Única dos Urbanitários (FNU-CUT).

Aumento nas tarifas elétricas

Fabíola Antezana, secretária de Energia da Confederação Nacional dos Urbanitários (CNU-CUT), cita como exemplo a privatização da Eletroacre e da Ceron de Rondônia,

vendidas à Energisa. “Um dia após o leilão, a Energisa anunciou que iria ingressar imediatamente com o pedido de revisão tarifária extraordinária, o que as empresas controladas pela Eletrobrás estavam impedidas de fazer”.

Em diversos estados do Norte há dificuldade geográfica de interligação e, em muitos casos, fazer uma manutenção numa comunidade ribeirinha, por exemplo, leva um tempo maior e há aumento de gastos. Quem explica é o engenheiro da Eletronorte e dirigente do Sindicato dos Urbanitários no Distrito Federal (STIU-DF), Ícaro Chaves. “Se não é o

Estado controlando essas empresas, quem garante o fornecimento a essas comunidades? O modelo mercantilista que enxerga o setor de energia como negócio não se preocupa em garantir o atendimento ao setor social, pois não dá lucro”, disse Ícaro.

Está mais do que nunca na ordem do dia a luta contra a privatização/desmanche da Eletrobrás, um tema de soberania nacional que exige que todo o processo realizado até o momento seja revisto e anulado por um novo governo do PT que o povo elegerá em 7 de outubro!

Nilton de Martins

TEMER, EM FIM DE “MANDATO”, ATACA OS SERVIDORES FEDERAIS

Nos três meses que ainda tem pela frente, o governo golpista de Michel Temer resolveu acelerar suas medidas contrárias aos trabalhadores e à nação.

É assim que ele acaba de publicar a Medida Provisória 849/18, que adia para 2020 as mudanças nas tabelas remuneratórias de 2019 dos servidores públicos federais do Poder Executivo.

Tal MP adiará a terceira e última parcela do reajuste acordado ainda no governo Dilma, antes do golpe de agosto de 2016.

Embora o reajuste sequer chegue a cobrir a inflação acumulada no período, o governo Temer vem tentando adiar os seus efeitos desde o ano passado, quando já havia publicado outra MP semelhante, a qual teve seus efeitos suspensos no Supremo Tribunal Federal pelo ministro Lewandowski, dada a sua escandalosa inconstitucionalidade.

A nova MP terá que passar pelo Congresso Nacional, onde se espera oposição da bancada do PT e de outros partidos. Mas é a luta dos servidores federais, liderada pela CONDSEF, que pode exercer a pressão necessária para derrubar mais esse ataque de um governo em fim de mandato!

DEMITIDOS PROTESTAM CONTRA A EDITORA ABRIL



Foto: Cadiu Barilenski

Em 14 de setembro, cerca de trezentos gráficos, jornalistas, distribuidores e trabalhadores administrativos, demitidos recentemente, fizeram uma manifestação diante da sede da Editora Abril na Marginal Tietê da capital paulista. Era um protesto contra as demissões e o calote da empresa no que diz respeito às verbas rescisórias e direitos trabalhistas devidos. No mesmo momento, na Editora Abril da Marginal Pinheiros, colegas paralisaram o trabalho e abandonaram o prédio em solidariedade. Desde o último mês de agosto, a empresa entrou em recuperação judicial, suspendendo o pagamento de 1.500 trabalhadores dispensados, enquanto a família proprietária (os Civita) tem uma fortuna na casa dos 10 bilhões de reais. Na foto, trabalhador empunha cartaz produzido por designers demitidos, com a foto dos irmãos Civita.

Lula Livre avança no mundo

Seminário internacional ecoa opinião pública e forças políticas

A Fundação Perseu Abramo, do PT, realizou no dia 14, o Seminário internacional "Ameaças à democracia e a ordem multipolar", num hotel em São Paulo.

Foi um evento inédito com essa amplitude no Brasil: três ex-primeiros ministros europeus e intelectuais (Noam Chomski dos EUA, Marilena Chauí e Bresser Pereira do Brasil). Ele acabou evoluindo como um ato por Lula Livre, mesmo se não podia legalmente ser convocado como atividade eleitoral.

O seminário foi aberto por Gleisi Hoffmann, presidente do PT, que a propósito da democracia alertou os convidados de que "não estamos totalmente certos de que essa eleição ocorra em ambiente normal, vai depender muito do desempenho que o PT vai ter."

Pierre Sané, senegalês ex-secretário da Anistia Internacional, analisou o "neoliberalismo", inclusive nos partidos socialdemocratas, o que, segundo ele, leva muita gente "a buscar soluções fora, mesmo na xenofobia, parecido como aqui buscam na volta ao regime militar", numa alusão à extrema-direita. Mas ele lembrou o caso do Partido Trabalhista inglês que passou de "160 mil para 500 mil membros, com grande afluxo jovem, e é o hoje o maior partido da Europa", para ressaltar, "então, não é inevitável!", encorajando, assim, a trajetória de resistência do PT.

O ex-ministro de Relações Exteriores



A partir da esquerda, Taiana (Argentina), Villepin (França), Amorim, D'Alema (Itália), Sané (Senegal) e Marilena

da Argentina, peronista, foi o primeiro a chamar o Lula Livre, respondido pela plateia. Ele pontuou a atual crise do multilateralismo - a ideia de algo como uma ordem compartilhada sem guerras -, a partir da Conferência da ONU Contra o Racismo (2001, Durban, África), que terminou sem acordo a respeito da xenofobia.

Massimo D'Alema, ex-primeiro ministro da Itália, que conduziu a transformação do PC, hoje desaparecido, em Partido Democrático, além de deplorar a crise do multilateralismo, ainda lamentou a "falência do projeto europeu" para a qual "não temos resposta".

Dominique de Villepin, ex-primeiro ministro da França, não é um homem de esquerda, mas acentuou que "o mundo continua unipolar", o que atribuiu à determinação dos EUA não aceitarem outro modelo e fazer fracassar as tentativas de reforma da ONU: "não é o jogo de um homem,

Trump, começou antes e continuará; atacam as regras porque acham que o caos os beneficiará". Villepin lembrou sua aproximação do ex-ministro de Lula, Celso Amorim (que conduzia os trabalhos), contra a invasão estadunidense do Iraque (2003).

José Zapatero, ex-primeiro ministro da Espanha, fez um apelo a votar no PT e Haddad, e ouviu aplausos ao denunciar as "sanções dos EUA que bloquearam a Venezuela", uma injustiça que provoca migrações. "Como socialdemocrata", apelou "à direita entender, ou em parte, que democracia com desigualdade não dá".

Solidariedade

Muitas páginas poderiam ser escritas sobre limitações ou incoerência dos líderes políticos. Por exemplo, seu compromisso com a OTAN em guerras de tipo imperialista.

Mas o momento era sobretudo para registrar a solidariedade com Lula de

personalidades de origens diferentes. "Todos criticaram o processo judicial que mantém Lula preso e o impede de concorrer à Presidência", a Folha de S. Paulo teve de reconhecer.

Cuauhtemoc Cárdenas, ex-governador do Distrito Federal do México (ligado a Obrador, o novo presidente eleito), foi junto com D'Alema, à Polícia Federal de Curitiba na véspera, e contou emocionado como "Lula nos animou na cadeia!".

É uma via de duas mãos. Agora, a luta no Brasil de Lula pelos direitos democráticos e a soberania popular, vai repercutir ainda mais no exterior, reforçando a luta dos trabalhadores brasileiros, do PT e de Lula.

Markus Sokol



O que pretende a candidatura Ciro

Bravatas não escondem acordo com o mercado

A candidatura Ciro Gomes passou ao último ano namorando a direita, o DEM, o PP etc. sempre atacando o PT e Lula.

Agora, voltou a acusar que Lula "sabia do roubo na Petrobras" (O Globo, 17/09). Sempre dúbio, havia se declarado contra a prisão de Lula, mas não participou da campanha "Lula Livre". Depois que o Tribunal Superior Eleitoral sacramentou a ilegal impugnação de Lula, Ciro passou a tentar atrair os eleitores de Lula e do PT posando de "mais à esquerda" ou de "nacionalista".

Não inspira confiança

Ciro não é "o" inimigo, afinal, posicionou-se contra o golpe do impeachment, mas sua candidatura tampouco inspira confiança à classe trabalhadora.

Ele tem um comportamento errático, despreza o coletivo e a cada eleição arranja algum partido novo. O

principal, seu plano de governo está, na essência, adaptado às exigências do mercado.

Seus economistas (Mauro Benevides, Nelson Marconi etc.) querem um desenvolvimento através da redução do salário real que aumente a competitividade da indústria no mercado internacional. Por isso propõe um câmbio fortemente desvalorizado - a alta do dólar "barateia" exportações, mas reduz o poder aquisitivo, em termos relativos.

Manter a desvalorização em termos reais supõe medidas que impeçam a recuperação de perdas salariais frente à alta do dólar e demais preços, de modo a manter o custo salarial da indústria menor do que o das concorrentes externas. Por isso, também, Ciro defende um forte "ajuste fiscal que permita alcançar o equilíbrio nas contas públicas em dois anos". Embora se diga contra o congelamento dos gastos de Temer, a entrega da

Embraer e da Petrobrás, ele defende várias outras privatizações.

Privatização da Previdência

Ciro defende uma reforma privatista da Previdência que ataca direitos. Repete a mentira da mídia, do mercado e dos banqueiros: a Previdência seria deficitária. Não é. A falsificação não contabiliza a contribuição do governo como fonte de receita da Previdência, que é parte da Seguridade Social. Ademais, o fim de desonerações aos empresários e o combate à sonegação tornariam suas contas ainda mais superavitárias.

Mas Ciro segue o dogma do mercado e propõe - como Alckmin, Bolsonaro e outros direitistas - um sistema de capitalização individual: cada trabalhador pagaria por sua própria aposentadoria, recolhendo a um fundo de aplicação a ser administrado por instituições financeiras privadas. O quanto ele receberá ao se

aposentar, dependerá do rendimento obtido pelo fundo, pois o governo garantiria apenas um teto mínimo. Se o rendimento dessa poupança individual for menor do que a capitalização prometida, o benefício também será menor.

Isso destruiria o sistema atual de Seguridade Social e de Previdência pública e solidária em que governo, empresas e trabalhadores contribuem para pagar as aposentadorias correntes, com valor garantido. O modelo de Ciro é o que foi imposto por Pinochet no Chile, e mais tarde proposto pelo Banco Mundial, que, afinal, fracassou, sobretudo porque deixa na mão os aposentados pobres e mais necessitados.

De acordo com a principal exigência do mercado, a odiosa reforma da Previdência, ele se dá ao luxo de algumas bravatas. Mas o povo não é bobo!

Alberto Handfas

Instituições golpistas favorecem violência

Raquel Dodge considerou normal Bolsonaro chamar a “fuzilar a petralhada”

A facada que Bolsonaro levou em Juiz de Fora motivou o alerta de vários comentaristas sobre violência e instabilidade política em pleno período eleitoral. Pouco se falou, porém, sobre a origem dessa situação: as instituições golpistas, que, para atender à intenção de destruir o PT e barrar Lula da eleição, atacaram direitos democráticos e atropelaram a legislação.

Violência? O que foi feito pelas autoridades quando a caravana de Lula foi alvejada por tiros no Paraná? Chegou-se a insinuar que os petistas haviam forjado o atentado. A vereadora Marielle Franco foi assassinada, juntamente com o motorista Anderson Gomes, há mais de seis meses, e o crime permanece impune.

O próprio Bolsonaro, no Acre, havia feito um gesto de atirar, dizendo que iria “fuzilar a petralhada toda aqui”, mas a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, considerou que não havia injúria na expressão, porque “não há referência a pessoas”. A violência já estava presente, bem antes dos acontecimentos de Juiz de Fora. Era tolerada e até mesmo incentivada.

O filósofo Roberto Romano,

professor da Unicamp, afirmou em entrevista que “estamos longe de perceber a gravidade da crise política e social brasileira”. E indicou: “No caso brasileiro, há um Executivo desacreditado, já que o presidente tem a avaliação do eleitor mais baixa possível. Tem um Parlamento em que o eleitor também não acredita, com desprestígio absoluto, e a Justiça começa a mostrar sinais de partidarismo, de política e de divisão, inclusive no Supremo Tribunal Federal” (Estadão, 8/9)

General no STF

Como acreditar numa Justiça em que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) modifica toda a jurisprudência para adotar uma decisão feita sob encomenda para impedir a candidatura de Lula?

O Supremo Tribunal Federal (STF), por sua vez, ao apreciar o recurso de Lula contra a sua prisão após condenação em segunda instância, estava negando o recurso por 7 a 1, antes que a votação fosse interrompida no dia 14 por um pedido de vista. É escandaloso, quando se sabe que a Constituição diz que “ninguém será considerado culpado até o trânsito

em julgado de sentença penal condenatória”.

O novo presidente do STF, Dias Toffoli, nomeou como assessor um general de reserva, Fernando de Azevedo e Silva, em mais um sinal de interferência militar no poder civil. Sabe-se que os militares se preocupam com a mera possibilidade de revisão ou anulação da Lei de Anistia

(1979), que manteve impunes os assassinos e torturadores da ditadura (leia abaixo). A intervenção direta de milicos na mais alta corte do país é um acinte. É necessária uma Constituinte, que erga outras instituições, para que a vontade do povo seja respeitada.

Cláudio Soares

ATIVISMO DO JUDICIÁRIO

A prisão, por quatro dias, do ex-governador Beto Richa (PSDB-PR), candidato ao Senado, mostrou mais uma vez aonde leva o ativismo político do Judiciário e do Ministério Público. Não há dúvida de que Richa merece ser processado e punido por seus crimes, mas essa ação atendeu a objetivos próprios.

Um ex-aliado de Richa, Tony Garcia, fez uma delação premiada com acusações relativas a fatos ocorridos em 2013. Isso bastou para que, às vésperas da eleição, a Justiça Estadual decretasse a prisão. Garcia é ligado a outro candidato a senador, Flavio Arns (Rede), amigo da família de Sérgio Moro.

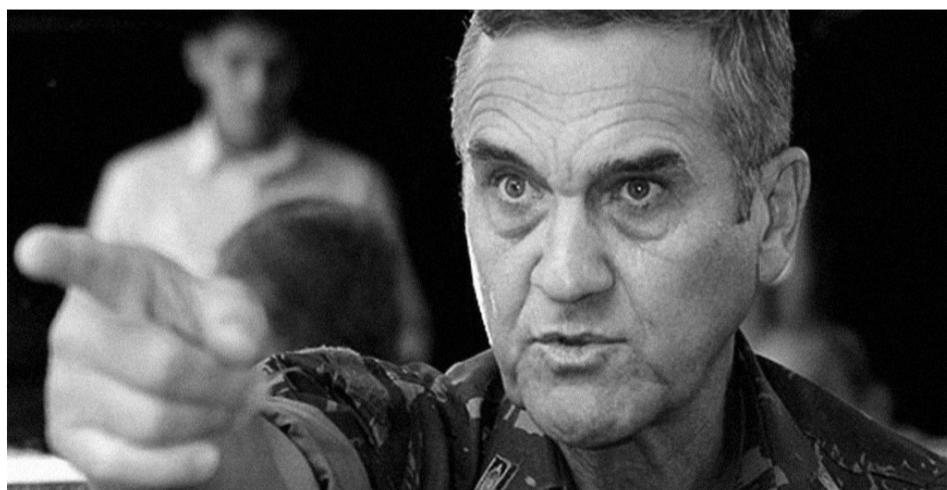
Dois procuradores da Lava-Jato, Carlos Fernando dos Santos Lima e Deltan Dallagnol, defenderam em entrevista ao UOL (14/9) que “as investigações não podem parar por causa das eleições”. Colocando-se acima de tudo e de todos, Lima pretendeu até mesmo ensinar o povo a escolher seus candidatos, dizendo que “se há algo de bom que a população pode fazer é não votar em pessoas envolvidas em escândalos de corrupção”. Escândalos que a Lava-Jato não se cansa de forjar.

Cala a boca, Villas Bôas!

O que pretende o comandante do Exército?

A entrevista do comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, ao Estadão (9/9), revela a postura inaceitável de um militar que se coloca no direito de tutelar as instituições e dizer o que pode ou não pode ser feito. Ele não recebeu nenhuma punição por isso. Em abril, o mesmo militar havia emitido uma declaração, às vésperas da votação do habeas corpus de Lula no Supremo Tribunal Federal (STF), com ameaças veladas, caso fosse concedida a liberdade a Lula.

Agora, ao comentar a facada em Bolsonaro, Villas Bôas estendeu sua análise para o que poderia ocorrer com o resultado da eleição, pondo em dúvida a legitimidade do novo governo antes mesmo da posse! Sua fala: “O atentado confirma que estamos construindo dificuldade para que o novo governo tenha uma estabilidade, para a sua governabilidade, e podendo até mesmo ter sua legitimidade questionada. Por exemplo, com relação a Bolsonaro, ele não sendo eleito, ele pode dizer que prejudicaram a campanha dele. E ele sendo eleito provavelmente será dito que ele foi beneficiado pelo atentado, porque gerou comoção”.



Villas Boas disse na entrevista que Bolsonaro ele tem apelo no público militar, porque “procura se identificar com as questões que são caras às Forças, além de ter senso de oportunidade aguçada”

Ao referir-se à tentativa de registro da candidatura de Lula, foi bem claro, mesmo sem mencionar o nome do ex-presidente: “Não se trata de fulanizar. O pior cenário é termos alguém sub judice, afrontando tanto a Constituição quanto a Lei da Ficha Limpa, tirando a legitimidade, dificultando a estabilidade e a governabilidade do futuro governo e dividindo ainda mais a sociedade brasileira”.

A nota da Executiva Nacional do PT avalia: “É muito grave que um comandante com alta responsabilidade

se arrogue a interferir diretamente no processo eleitoral, algo que as Forças Armadas não faziam desde os sombrios tempos da ditadura”. De outro lado, Alckmin, em sabatina no jornal O Globo (13/9), disse que o general “não falou nenhum impropério” e se declarou seu admirador: “Ele é um democrata”. É a sujeição tucana aos quartéis.

Exemplo do Uruguai

Enquanto isso, no Uruguai, o presidente Tabaré Vázquez ordenou a prisão durante 30 dias do comandante

do Exército, Guido Manini Ríos, por ter se pronunciado publicamente a respeito de um projeto de lei apoiado pelo governo. Ríos falou contra a proposta de reforma do sistema de pensões dos militares e uma nova lei orgânica das Forças Armadas. A Constituição uruguaia proíbe esse tipo de manifestação.

No Uruguai, assim como na Argentina, diferentemente do Brasil, houve punições para os militares que torturaram e assassinaram durante a ditadura. Não é à toa que Villas Bôas se sintia à vontade para falar o que não poderia.

Impunes pelos crimes cometidos durante a ditadura no Brasil, os militares agem para que assim siga sendo. Segundo matéria do Estadão (6/9), sobre “conversas recentes com oficiais de alta patente das três armas, quase todos da ativa, incluindo dois comandantes” nas palavras do articulista, os “oficiais registraram com alívio sinais, vindos de contatos diretos com integrantes do STF, de que ‘não haveria surpresas’ até o fim do período eleitoral, o que inclui questões envolvendo a Lei da Anistia, um ponto descrito como inegociável.”

Europa: a questão dos refugiados e “migrantes”

Declaração do Secretariado da 4ª Internacional

Reunido em Paris em 5 e 6 de setembro, o Secretariado da 4ª Internacional (SI), adotou a resolução da qual reproduzimos os trechos abaixo (intertítulo da redação). Ver sua íntegra em:

www.otrabalho.org.br

“É impossível não reagir diante das imagens desses “párias da terra” amontoados no convés dos barcos que acabavam de resgatá-los e não sentir a maior cólera diante da vergonhosa manipulação política orquestrada por todos os chefes de Estado e de governo da União Europeia.

Não se passa um dia sem que essas centenas de milhares de homens, mulheres e crianças – expulsos de suas terras pela guerra e a pilhagem dos recursos naturais do seu país pelas potências imperialistas, entregues a guerras supostamente étnicas e manipulados por máfias de traficantes – não sejam apresentados pelos meios de comunicação oficiais, de maneira pérfida, como fator potencial de desestabilização de todo o continente europeu, semeando assim o veneno do racismo e da xenofobia.

São os mesmos chefes de Estado e de governo que, tal como o governo francês, lançaram os seus exércitos na África e Oriente Médio, provocando



Barco com refugiados no Mediterrâneo

deslocamentos forçados de populações. Chefes de Estado que, paralelamente, se apressam em destruir a legislação trabalhista nos seus países, para preparar a acolhida humanitária de uma mão-de-obra escrava...

Os povos rejeitam a política do capital financeiro

Todos captam os sinais de que, em todo o continente, os povos rejeitam cada vez mais a política imposta pelo capital financeiro. Temem, acima de tudo, um levante desses povos contra a política assassina ditada pelo capital financeiro e executada pelos diversos governos, que dizem estar obrigados a pôr em marcha esses planos por causa das instituições da União Europeia.

Procuram desativar preventivamente

esse levante. Procuram desativá-lo antes que possa tomar forma. Essa é a causa da vergonhosa encenação que assistimos com o tema “Todos contra o populismo!”, que servirá de eixo para a campanha das eleições europeias.

Essa falsa alternativa tem por objetivo desviar a classe operária e os povos da Europa da luta para fazer recuar e derrotar a ofensiva em curso, arremetendo contra os fundamentos do sistema de exploração capitalista e detendo a política de intervenção militar das grandes potências imperialistas.

Não há saída nem no acompanhamento humanitário da política de deslocamento de populações pelo imperialismo, nem no beco sem saída do recuo para dentro das fronteiras de cada país.

A indústria e a agricultura das nações europeias têm a sua existência ameaçada pelo desmantelamento de que são objeto por parte dos mo-

nopólios que dominam o mercado mundial. A indústria e a agricultura das nações europeias não têm dimensão suficiente para enfrentar esses monopólios imperialistas.

A aspiração dos povos a recuperar a sua soberania só poderá ser realizada através do combate da classe operária para arrancar, em escala de toda a Europa, o poder das mãos do capital financeiro com a finalidade de reorganizar, a nível de todo o continente, os transportes, a energia, a indústria e as infraestruturas, colocando-as a serviço de todos os povos e de todos os proletários, seja qual for a sua origem.

Não há verdadeiro combate para ajudar os refugiados – nossos irmãos de classe – que possa ser separado do combate político da classe operária para derrubar a ordem estabelecida, criar empregos, construir milhões de habitações e reconstruir as infraestruturas deficientes dos serviços públicos abandonados pelo capital.

Somente a luta da classe operária e dos povos da Europa para construir os Estados Unidos Socialistas da Europa, sobre as ruínas do Estado burguês em crise, será capaz de abrir uma saída à crise em que se afunda o continente.”

EUA: a dois meses das eleições de meio de mandato

Sob aparente normalidade, crise atinge democratas e republicanos

As eleições que ocorrem no meio do mandato presidencial nos Estados Unidos são, via de regra, a oportunidade para a oposição reforçar sua representação parlamentar e, muitas vezes, conquistar a maioria na Câmara dos Deputados ou no Senado. Parece certo que, neste ano, a maioria da Câmara vai para os democratas.

Poderia ser uma alternância costumeira, mas as causas da derrota de Hillary Clinton nas eleições presidenciais (as mesmas que deram a vitória a Trump) permanecem vigentes. A crise política atinge tanto democratas como republicanos e se aprofunda.

Para os democratas, segue marcante o fato que Bernie Sanders quase derrotou Hillary nas prévias partidárias. Assim, num distrito de Boston (Massachusetts), o candidato democrata Michael Capuano, que teve dez mandatos, foi derrotado nas prévias pela inesperada Ayanna Pressley, jovem democrata negra. Esse distrito é tão democrata que os republicanos nem mais apresentam candidatos. Sua população é majoritariamente negra

num estado que nunca elegeu um deputado negro. A participação nas primárias tinha a média de 60 mil pessoas, agora foram 102 mil e 59% votaram por Pressley (que não é ligada a Sanders).

Como se vê, o governo de Obama não avançou na questão negra, nem mesmo dentro do Partido Democrata.

O New York Times de 5 de setembro diz o seguinte sobre Pressley: “O eleitorado negro está indignado diante da inoperância dos políticos negros para assegurar um mínimo de justiça para os negros assassinados pela polícia”. O artigo conclui: “A velha ortodoxia política que permitiu aos democratas negros centristas dominar a política negra está caindo. Os progressistas negros estão em ascensão.”

Após a vitória da candidata latina Ocasio Cortez, do movimento de Sanders, nas primárias de Nova



Ocasio Cortez em campanha para as primárias democratas de Nova Iorque

Iorque, outro bastião democrata, as primárias de Boston mostram que o eleitorado democrata não aceita mais a situação.

A incapacidade de Trump revelada

Do lado republicano, a crise não é menos profunda. A morte do senador McCain, principal opositor republicano de Trump, bem como as eleições de meio de mandato, deveriam facilitar as relações do presidente com o Senado, quando ele parece conviver bem com

a maioria republicana na Câmara dos Deputados.

Mas, um livro que acaba de ser publicado, na mesma linha do artigo anônimo de um alto funcionário republicano da Casa Branca, denuncia a incapacidade de Trump para liderar o país, enfatizando seu desequilíbrio e duros comentários contra ele e de membros do governo. São textos que aparecem num momento em que prossegue a investigação sobre as relações da campanha de Trump com

o governo russo e que ocorrem os primeiros julgamentos.

A incapacidade dos dois grandes partidos dos EUA de representar as aspirações da maioria trabalhadora, dos jovens e negros é evidente há muito tempo. Em milhões de cidadãos cresce a vontade de sair dessa situação, mesmo que ainda não tenha sido encontrada a forma em que se expressará essa resistência.

Devan Sohler

A Venezuela continua ameaçada!

Cerco dos EUA, crise dos emigrantes e plano de recuperação

Nas últimas semanas, a partir de um artigo do "New York Times" (08/09) que relatou três reuniões secretas entre altos funcionários do governo Trump e oficiais venezuelanos para discutir a derrubada de Nicolás Maduro, confirmada em editorial do mesmo jornal em 16 de setembro, os rumores de uma intervenção militar cresceram.

O secretário geral da OEA, Luís Almagro, em visita à fronteira com a Colômbia, perguntado sobre uma ação militar na Venezuela, disse "não descartar qualquer opção", o que levou até o Grupo de Lima (governos direitistas da região) a rechaçar uma intervenção militar e o próprio Almagro a recuar em suas declarações no dia seguinte (16/09).

O fato concreto é que as medidas de bloqueio econômico adotadas pelos Estados Unidos são duras (como o congelamento dos bens da estatal venezuelana PDVSA no país) e que governos lacaios do imperialismo, como o de Ivan Duque na Colômbia

e o de Temer no Brasil, reforçam militarmente suas fronteiras com a Venezuela em função das centenas de milhares de emigrantes que saem do país dada a aguda crise econômica (que não são "refugiados" de uma inexistente guerra civil, como a mídia que prega uma intervenção "humanitária" martela todos os dias).

A crise e a emigração são produtos em boa parte do bloqueio econômico. O governo Maduro, por seu lado, reconhece existirem mais de 600 mil venezuelanos que buscam melhor sorte em outros países e, em 20 de agosto, anunciou um novo programa econômico como resposta à situação, incluindo um chamado de "Volta à Pátria" àqueles que partiram.

A resposta do governo de Maduro

Hoje a Venezuela produz 1,5 milhão de barris de petróleo por dia, a metade de sua produção há poucos anos, o que diminui os ingressos para a nação e o Estado. O bloqueio técnico dos EUA dificulta a retomada



Marcha contra Trump, Maracaibo 12 de setembro

da produção. Enquanto isso grupos privados, como o Polar do megaempresário Mendoza, controlam boa parte da distribuição de alimentos, tendo sua responsabilidade no desabastecimento que provoca o mercado negro.

Com o objetivo de animar a maioria do povo trabalhador na sua resistência a uma intervenção externa, o "Programa de recuperação econômica, crescimento e prosperidade" (PRECP) inclui medidas políticas e econômicas que tiveram grande impacto no país.

A medida mais popular do programa é o aumento do salário mínimo (que passa a ser vinculado à metade do preço do barril do petróleo) e a fixação de preços máximos para 50 produtos básicos. Desde já os patrões boicotam essas duas medidas, o que leva a uma mobilização popular para fiscalizar os preços praticados e exigir que se respeitem os salários reajustados. Uma nova moeda, o "bolívar forte" foi também criada.

Ao mesmo tempo, o programa pretende facilitar o investimento privado local ou externo (de empresas da China, por exemplo), para relançar a economia. Até empresas estatais e aquelas recuperadas pelos trabalhadores (diante de seu abandono pelos patrões) são oferecidas ao capital privado, diretamente ou em

parceria com o Estado, incluindo as ricas reservas de metal do Orinoco. Ora, que capitalista vai investir na Venezuela na atual situação?

Os companheiros do "Coletivo Trabalho e Juventude" sediado em Maracaibo, militam para defender os aspectos do programa que reforçam os salários e controlam os preços, sem abrir mão da Lei Orgânica do Trabalho e da defesa da nação contra a agressão imperialista.

Nesse momento a sua prioridade é intervir no "congresso constituinte da classe trabalhadora", convocado entre 10 e 15 de setembro pela Central Bolivariana e Socialista dos Trabalhadores, com assembleias em todo o país, para organizar a intervenção sindical em defesa do "renascimento econômico e político da revolução bolivariana no marco do programa de recuperação econômica."

Ainda é cedo para que sejam verificados os resultados concretos do Programa de Recuperação lançado pelo governo, mas é certo que suas medidas vão agudizar o conflito de interesses entre empresários e trabalhadores na Venezuela, portanto a luta de classes.

Em próximas edições continuaremos acompanhando a situação.

Lauro Fagundes

Greve geral na Argentina: 24 e 25 de setembro

Macri e FMI afundam o país na recessão e desemprego



lhões de dólares com o FMI. Macri aplica na Argentina a mesma política dos golpistas no Brasil, mergulhando o país na recessão e provocando a resistência da classe trabalhadora.

O cenário de crise econômica

se combina com o de crise política. Em 17 de setembro, o juiz Claudio Bonadio pediu a prisão preventiva da ex-presidente Cristina Kirchner, principal opositora de Macri, acusando-a de "organização criminosa" para arrecadar propinas. Aqui também a utilização política do Judiciário, tal como no Brasil, é evidente. Mas Cristina é senadora e sua prisão tem que ser aprovada por dois terços da Casa, onde o governo é minoritário.

Assim a greve geral já convocada vai incidir num quadro de crise aguda e colocará em questão o próprio governo Macri. Todo apoio à luta dos trabalhadores argentinos!

A Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e a Central de Trabalhadores da Argentina, hoje dividida entre CIA-A (autêntica) e CIA-T (dos trabalhadores), convocam uma greve geral para 24 e 25 de setembro contra as medidas de "austeridade" anunciadas pelo governo direitista de Maurício Macri e ditadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Desde já ocorrem manifestações em Buenos Aires e outras cidades, demonstrando o mal-estar causado pelo estouro da inflação (mais de 30% anual), enquanto o governo negocia um empréstimo de 50 bi-

Assine **O TRABALHO** ★

Receba *O Trabalho* em sua casa, a cada quinzena

■ 12 edições: R\$45,00 ■ 24 edições: R\$90,00 ■ 24 edições Solidário: R\$150,00

A partir do nº _____ Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Peça sua assinatura por e-mail ou carta

Deposite na conta Banco do Brasil - Agência: 4055-X, C/C: 8894-3 - CNPJ: 09001210/0001-79
Envie comprovante junto com o cupom para Rua Caetano Pinto, 678 - CEP 03041-000 - São Paulo
Fone: (11) 2613-2232 - e-mail: otjornal@uol.com.br